

O EMPÓRIO INDUSTRIAL DO NORTE: A VILA OPERÁRIA, NEM UTÓPICA, NEM VISIONÁRIA

Maria Helena Ochi Flexor¹

Iury Alves Rodrigues, Ana Catarina Lins Martinelli Sento-Sé Braga²

Resumo: Luiz Tarquínio foi um dos grandes empreendedores da Bahia no século XIX. Construiu, junto com seus sócios, a Companhia Empório Industrial do Norte, que compreendia a Fábrica de Tecidos da Boa Viagem e a Vila Operária. Fala-se sobre a Vila Operária, construída para beneficiar os operários da fábrica de tecidos, buscando mostrar que Luiz Tarquínio trouxe para a Bahia os modelos europeus e que buscou, antes de tudo, usar os benefícios dados aos seus trabalhadores, como forma de organizar racionalmente o trabalho.

Palavras-chave: Vila Operária; Operariado; Indústria têxtil.

A indústria, desde que o sistema de fábricas tornou-se dominante, sofre impactos, derivados da ocorrência de crises, da sucessão de ciclos econômicos e mesmo de políticas governamentais destinadas ao setor. A crise, iniciada na primeira metade da década de 1970, atingiu particularmente as indústrias pesadas, a siderurgia, a mecânica, o carvão e o setor têxtil. Os espaços, que resultaram desses processos de destruição, os vazios e ruínas industriais, tornaram-se alvo de atenção de vários agentes: governos, promotores imobiliários, ONG(s) e movimentos sociais. Dependendo do local e das ações dos agentes socioeconômicos, tais áreas degradadas – também chamadas *friches* urbanas industriais -, passaram a ter novas destinações, dentre as quais cabe ressaltar aquelas que se preocupam com a preservação do patrimônio industrial (museus, centros culturais, centros esportivos, shoppings, etc.)³.

Esta comunicação faz parte da pesquisa “A antiga indústria de Itapagipe: possibilidades de sua reconversão”⁴, que tem como propósito inventariar as *friches* dos espaços industriais vazios dessa área de Salvador, com o objetivo de indicar os usos mais adequados para cada uma delas⁵. Os resultados, que se espera obter, poderão se transformar em sugestões que contribuam principalmente para as instâncias públicas, – Estado e Município -, na elaboração de uma eventual política de reutilização daquelas áreas, com a participação dos principais agentes socioeconômicos envolvidos com a revitalização da Península.

Embora Itapagipe tenha herdado algumas *friches* que acabaram sendo sub-utilizadas ou abandonadas, poluindo-a visualmente, por outro lado, a Península é uma das áreas mais atraentes de Salvador, detentora que é de um rico patrimônio histórico e arquitetônico⁶, ao que se somam

¹ Professora Doutora do Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social e do Curso de História em Patrimônio Cultural da Universidade Católica do Salvador - UCSal

² Acadêmicos do Curso de História da Universidade Católica do Salvador, bolsistas de iniciação científica (FAPESB).

³ DAMBRON, Patrick. *Patrimoine industriel et développement local*. Paris: Jean Delaville, 2004.

⁴ Desenvolvida no Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, da UCSal.

⁵ A idéia de focar o problema como ponto de partida da pesquisa apóia-se em BREAUD, M. *L'art de la thèse*. Paris: La Découverte, 1994 e MACE, G. *Guide d'élaboration d'un projet de recherche*. Paris: De Boeck Université, 1997

⁶ Basílica do Bonfim, Forte e Igreja de Monteserrat, Igreja da Boa Viagem, Convento da Penha, Igreja dos Mares, Casa Amado Bahia, Clube de Regatas Itapagipe, Sorveteria da Ribeira, Hospital de Irmã Dulce, Abrigo D. Pedro II, Colégio Militar, Estação da Leste Brasileiro, etc.

belas paisagens urbanas⁷. Esta parte da cidade caracteriza-se, também, por ter abrigado, por mais de um século, a quase totalidade das indústrias de Salvador. Tratava-se de indústrias tradicionais, dos ramos de alimentos, bebidas e têxteis. Essas indústrias desapareceram, devido a diferentes fatores, como a concorrência das indústrias do Centro-Sul do País, com a abertura da BR-216, depois da BR-101, pressão da população contra a poluição ambiental e, finalmente, a política de descentralização e criação de distritos industriais.

As empresas industriais de Itapagipe, ao desaparecerem, deixaram, em seu lugar, ruínas e espaços vazios que colocam, ainda hoje, problemas de poluição de diversas naturezas. Outras, já foram ocupadas e, até, reocupadas.

Existem demandas de entidades que representam a população dos bairros da Península, as quais, em passado recente, receberam assessoria do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento⁸ –, no sentido de melhor direcionar as suas reivindicações.

O papel dos diferentes atores, envolvidos em Itapagipe é, igualmente, questão a ser considerada, pois os resultados, nessa parte, interessam particularmente à definição de políticas de revalorização da Península Itapagipana. Segundo Dambron⁹, as interações com outras redes, parcerias, cooperações seriam incompletas se não incluíssem a população. E esse requisito vem sendo preenchido. A CAMMPI – Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe –, e o NAI – Núcleo de Articulação Institucional de Itapagipe –, a AMAI - Associação de Moradores e Amigos de Itapagipe - representam justamente a participação da população e de diversas entidades da esfera governamental, autarquias, prestadoras de serviços, grupos ambientalistas, associações de moradores, clubes sociais, sociedades beneficentes, associações religiosas, fundações e mesmo das universidades¹⁰.

A participação dos representantes dos moradores e de órgãos públicos, já reunidos pelo NAI, é de fundamental importância para se traçar as diretrizes para o reaproveitamento das indústrias abandonadas. O Shopping Bahia Outlet Center¹¹, que ocupa um antigo galpão da fábrica de Chocolate Chadler, no bairro de Roma, tem sido um exemplo positivo na geração de emprego, qualificação de mão-de-obra e ocupação de pessoas que, individualmente, exerciam sua profissão de costura. As iniciativas estão se estendendo para toda a região do bairro do Uruguai

A médio prazo, busca-se levantar o histórico das principais indústrias que ocuparam a Península Itapagipana com a intenção de mostrar a importância que essas *friches* tiveram, para que sejam reaproveitadas e não destruídas, pois, dessa forma estar-se-á acabando com um rico patrimônio, que conta um longo período da história dessa área.

Costuma-se atribuir à indústria têxtil um papel fundamental, durante a primeira Revolução Industrial. No Brasil, essas indústrias instalaram-se primeiramente nas grandes cidades do Nordeste, em meados do século XIX. Salvador e Valença¹², na Bahia, foram

⁷ Baía de Todos os Santos, Porto dos Tainheiros, praia da Ribeira, Alagados, etc.

⁸ Em parceria com Secretarias do Governo do Estado, SEBRAE, SUDIC, Grupo Góermen, a partir de 1997. Obtido via Internet, site www.cammpi.org.br/index_arquivos/cammpi/principal.htm, capturado em 25 de maio de 2006. CAMMPI. *Plano referencial de desenvolvimento sustentável de Itapagipe*. Salvador: CAMMPI, 2000.

⁹ DAMBRON, P. *Ob. cit.*, p. 23.

¹⁰ A Universidade Católica do Salvador tem uma participação bastante ativa no NAI, através de sua Superintendência de Extensão há alguns anos.

¹¹ De caráter popular, tem fluxo diário de cerca de 10.000 pessoas. Capturado na Internet, site veja.abril.uol.com.br/especiais/comida/salvador/shoppings.html, em 2 de junho de 2006.

¹² Fábrica de Tecidos Todos os Santos, considerada a primeira a funcionar no País, movida a energia hidráulica, tinha 300 operários. Abrigou, também, a Fábrica Nossa Senhora do Amparo, posteriormente Cia Valença Industrial e hoje Valença Têxtil, visitada em 1859 por D. Pedro II. Obtido via Internet, site www.probrasil.com.br/historia.php3?CIDADE=55293290, capturado em 30 maio 2006.

exemplos típicos. Em Salvador, Luiz Tarquínio, fundou, com seus sócios, a Companhia Empório Industrial do Norte, que se compunha da Fábrica de Tecidos da Boa Viagem e a Vila Operária. Escolheu a região que já vinha sendo preparada para ser ocupada, desde há alguns anos, especialmente porque era separada do Continente por um canal.

Desde 1844, Carlos Weyll e André Przewodowski tinham apresentado à Câmara Municipal, a *planta da rua ou estrada da Boa Viagem, com todas as travessas, ou bêcos, que forem necessárias para regularidade da rua, e comunicação da Calçada, em diferentes pontos com o mar*, indicando os melhoramentos indispensáveis, inclusive, de um lado o escoamento de águas e esgotos para o mar ou para o canal e, de outro, melhoria da Estrada das Boiadas¹³, que passava pelo antigo Engenho Conceição, em direção ao largo da Lapinha. Propunham alinhamento de casas, organização de praças públicas, em ruas retas e largas e novos quarteirões, com grades e jardins à frente à maneira da Regent's Street e Regent's Park, de Londres, Amsterdam, Rotterdam, na Holanda, e Paris. Assinalavam que a Bahia, isto é, Salvador poderia se associar ao número das grandes cidades, que tinham seus bairros antigos e os bairros novos separados, os primeiros acidentados, os novos em ordem, cuja construção era precedida de plano racional e bem combinado¹⁴.

Em 1845 estavam prontos os projetos das eclusas do canal, desenhadas em pedras, determinando seu número e grandeza, e se pretendia encomendá-las, enquanto se assentavam os alicerces. No ano seguinte, uma Comissão, composta de engenheiros, do Intendente e ajudante da Intendência da Marinha considerou a obra muito dispendiosa, porém as pedras já estavam encomendadas e se resolveu construí-la para *desalagar os terrenos de Itapagipe até a Calçada do Bomfim*, mas agora com o canal projetado para pequenos barcos¹⁵.

O canal foi abandonado, mas se deu início ao calçamento da estrada que, da Cidade Baixa, seguia para o Bomfim, sendo sua arrematação suspensa porque a obra estava compreendida dentro da nova lei que obrigava aos proprietários pagarem as obras¹⁶. Essa ligação, no entanto, acabou se efetivando.

Com vistas a aproveitar a Península, de tempos em tempos, a idéia de uma *Cidade Nova* retornava. Em 1889, sob a presidência de Manuel do Nascimento Machado Portella, interinamente substituído pelo Desembargador Aurélio Ferreira Espinheira, na Presidência da Província, anunciava-se a necessidade de aumentar a faixa demasiado limitada da parte denominada baixa da Cidade. Dizia

*projetei ampliá-la ligando-a aos bairros do Bomfim e Itapagipe para formar com estes a grande Cidade nova, comercial e industrial, conquistando ao mar uma larga faixa, desde o princípio do Cais Novo até o Forte de Santo Alberto por meio de um cais e aterro entre este e a extensa mas estreita e quase intransitável artéria que hoje serve de comunicação para aqueles bairros*¹⁷,

Nessa nova região, foi criada em 1890 e, em 4 de março de 1891¹⁸, foi inaugurada a fábrica de tecidos da Companhia Empório Industrial do Norte, por Luís Tarquínio, conhecida como Fábrica da Boa Viagem¹⁹. Eram instalações inteiramente novas, segundo Stelling²⁰, a

¹³ Tratava-se da estrada que dava, então, acesso a Salvador.

¹⁴ FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Salvador nos postais*. Salvador, 1999, p. 80-82 (digitado, inédito).

¹⁵ IDEM.

¹⁶ IDEM..

¹⁷ IDEM..

¹⁸ DUMÊT, Eliana Bittencourt. *O sementeiro de idéias*. Salvador: Memorial das Letras, 1998. p. 59

¹⁹ IDEM, p. 60.

maior da Bahia, além de ter, também, uma infra-estrutura inovadora na Bahia, pois, o Empório continha e administrava, também, uma Vila Operária. É esta Vila Operária que interessa a este estudo.

Seu idealizador, Luiz Tarquínio, mal frequentou os bancos escolares²¹, mas foi considerado economista²², financista, administrador, designer²³, escritor, sociólogo, músico²⁴, *promoter*²⁵, incentivador dos esportes modernos²⁶ e das letras²⁷, era possuidor de espírito cívico²⁸ e carnavalesco²⁹ e foi um dos pioneiros das modernas condições de trabalho, devido à assistência dispensada aos operários, possibilitando-os ter boas casas na Vila Operária³⁰, cursos de adultos no turno noturno, serviços médicos e farmacêuticos gratuitos, licença maternidade, abastecimento de água, coleta de esgotos, luz, armazéns de alimentos e materiais higiênicos e creche³¹, assistência médica e dentária.

Tarquínio foi à Inglaterra, Bélgica, Alemanha e trouxe o exemplo da nascente indústria americana para completar o conjunto que, na opinião dos técnicos, constituía um *monumento homogêneo*. Luiz Tarquínio foi chamado o Mauá baiano, não obstante tratar-se de atividade privada. Não se sabe, também, até onde vai a verdade e onde começa o imaginário criado pelo tempo.

Luiz Tarquínio, como muitos particulares da época, foi participativo da vida da cidade³².

²⁰ STELLING, W. Indústria têxtil na Bahia: o apogeu noséculo XIX e tendências atuais. In: *Economia baiana*. Salvador, número especial, ago. 2003. p. 79.

²¹ SANTOS, Maricélia Oliveira. *Empório da utopia: o projeto industrial de Luiz Tarquínio*. Salvador: UFBa/FFCH, 2000. (Dissertação de Mestrado em História). p. 22. Contam as histórias que era filho de uma lavadeira e que fazia bonecos de pano. Mãe solteira, D. Maria Luiza, ou Tia Lulu, teria sido ex-escrava, liberta uns cinquenta anos antes e não conhecera o pai. Frequentou pouco tempo a escola. Começou a trabalhar aos nove ou dez anos. DUMÊT, E. B. *Ob. Cit.*, p. 22. Como se chamava Luiz dos Santos, solicitou a sua mãe que mudasse seu nome para Luiz Tarquínio, em 1854. Faleceu, de tuberculose, em 1903. O imaginário contemporâneo enquadrou em suas idéias a reforma agrária, a abolição da escravatura, a personalidade festeira, o estabelecimento socialista da relação capital-trabalho.

²² Tentou incutir nos operários um sentido de independência ao aconselhá-los a enfrentar problemas, como a carestia, através da associação ou cooperativismo.

²³ Tentou incutir nos operários um sentido de independência ao aconselhá-los a enfrentar problemas, como a carestia, através da associação ou cooperativismo.

²⁴ Compôs a música do Hino do Operário, no fim do oitocentos, e aprendeu sozinho a tocar harpa, órgão e piano. DUMÊT, E. B. *Ob. Cit.*, p. 109.

²⁵ Promovia festas, bailes em sua própria casa, organizava as festas para os operários e distrações todos os domingos, fazia propaganda de seu empreendimento, por exemplo, através dos postais, etc.

²⁶ Como corridas de bicicleta, foot-ball, basket-ball, de influências européia e americana.

²⁷ Era sócio benemérito da *Revista do Grêmio Literário da Bahia*. SANTOS, M. O. *Ob. Cit.*, p. 31.

²⁸ Em 1896, o Diário de Notícias (3 jul.) noticiava Tarquínio organizou um cortejo de operários, para participar no desfile do 2 de Julho, com representações dos personagens, desfilantes e sua própria presença.

²⁹ Foi sócio fundador do Centro Polytheama ou Sociedade Polytheama Bahiano, do Clube Fantoches da Euterpe, para o qual preparava carros alegóricos. IDEM, p. 31.

³⁰ Segundo Stelling, *Luiz Tarquínio justificava essas medidas como geradoras de maior eficiência e lucro, através de cálculos que demonstravam que os gastos com a Vila seriam menores que o prejuízo econômico gerado pelo absentismo maior, se os operários morassem longe de seu local de trabalho*. STELLING, W. *Ob. Cit.*, p. 82

³¹ Que levou o nome de Leopoldo José da Silva, um dos fundadores do Empório.

³² Foi um homem eclético. Nomeado Intendente de Salvador, em 4 de fevereiro de 1890, no Governo de Manoel Vitorino, não ficou um mês no cargo. Deu contribuição para urbanização do Campo Grande por ocasião da construção do monumento de Dois de Julho, além de outras obras públicas. Foi administrador da Junta Distrital da Vitória, em 1894. No ano seguinte fez campanha para instalar mictórios em várias partes da cidade, em nome da salubridade pública. Analisou as conseqüências econômicas da escravidão e fez um projeto de emancipação gradual dos escravos, publicado no livro *O elemento escravo e as questões econômicas do Brasil*, publicado em 1885, com o pseudônimo de Cincinnatus. Compôs a música do Hino do Operário, no fim do oitocentos, e aprendeu sozinho a tocar harpa, órgão e piano. Foi designer de estampa de tecidos. Teve interferência no projeto de sua casa na Graça e no próprio projeto do Empório. CELESTINO, M. *Loc. Cit.*, p. 28; DUMÊT, E. B. *Ob. Cit.*, p. 109.

Sampaio³³ dá notícias da existência de um *rascunho* de planejamento, que deixa perceber que, a Companhia não foi uma aventura. Os princípios que, principalmente Tarquínio, como liberal, defenderia a vida inteira, já estavam ali presentes:

[...] preferência do pessoal técnico superior; perfeição das máquinas adaptadas, boa organização e divisão do trabalho, meios que possuem de dar pronta saída às mercadorias; regularidade de fabricação; bom condicionamento dos produtos; exato cumprimento dos contratos; força do capital e crédito de que poderá dispor.

Nesse pré-planejamento, já registrava: *empresa organizada sem privilegio nem favores do governo.* E, ainda

*a garantia de sua prosperidade reside no estudo profundo das condições econômicas e sociais do país, em uma ativa e inteligente administração e principalmente nos conhecimentos e longa prática do pessoal técnico inferior [...]*³⁴.

O deputado Américo Barreto apresentou, à Assembléia Legislativa do Estado, um Projeto de Lei, concedendo subvenção às escolas da Vila Operária, ao que Tarquínio, na *Revista da Vila Operária*, ponderou:

*Compreendendo a nobre intenção do Jovem deputado, só temos palavras de reconhecimento pela espontaneidade do seu proceder: mas estamos autorizados a declarar que de fôrma alguma a 'Vila Operária' pode receber êsse subsídio do Estado. Escola do povo para o povo, mantida a mais ampla independência, a aceitação de qualquer favor oficial importaria tacitamente na eliminação dessa liberdade de ação, sem a qual seria sacrificado o seu fim principal*³⁵.

Assim, toda a obra foi de responsabilidade, material e financeira, da Companhia Empório Industrial do Norte.

Uma das grandes dificuldades experimentada pela fábrica da Boa Viagem, foi a de recrutar operários. Isso se percebe pelo fato da maioria dos empregados ser composta por aprendizes ou aprendeu a profissão na prática da própria fábrica. Em função da existência de um contingente bastante numeroso de escravos na Bahia, criou-se uma mentalidade entre os brancos que, apesar da libertação daqueles, permaneceu nestes, a idéia de serem *filhos de algo*, ou pertencerem a um nível social mais elevado, mesmo entre os profissionais liberais que, então, assumiam o poder, e não serem obrigados a trabalhar, mesmo passando as maiores privações. Tudo isso chamou a atenção de Luiz Tarquínio, que deixou registrado em um de seus artigos, o *Trabalho*, a persistência dessa mentalidade³⁶. Mesmo muitos anos depois, em 1927 e 1928, segundo informa Sampaio³⁷, havia falta de operários.

Não há notícias da presença de ex-escravos na fábrica de Tarquínio. Este considerava que os escravos eram herdeiros do tempo em que *o trabalho forçado modelaria o espírito do*

³³ SAMPAIO, J. L. P. *Ob. Cit.*, p. 78-79

³⁴ IDEM, p. 79.

³⁵ PINHO, Péricles Madureira de. *Luiz Tarquínio pioneiro da justiça social no Brasil*. Bahia: Vitória, 1944, p. 87;

³⁶ SAMPAIO, J.L.P. *Ob. Cit.*, p. 123.

³⁷ IDEM, p. 120.

trabalhador avesso à obediência, à submissão. Entendia que o convívio diário na fábrica, como *escola de trabalho* e a Vila Operária lapidariam o espírito dos trabalhadores³⁸.

Não passou despercebido a Tarquínio o problema causado no Nordeste pela grande seca dos anos de 1898-1899, que provocou um grande êxodo da população para as cidades de maior porte. Predispunha-se a receber um certo número de migrantes, oferecendo embarcação para conduzi-los, por mar, para a sua fábrica na Boa Viagem, onde seriam abrigados e teriam emprego.

Esse ato, dentro do espírito da época, tinha mais a haver com o higienismo³⁹ que com a filantropia. Além disso, vivia um tempo em que os grandes problemas sociais tinham inspirado, tanto William Morris, barão de Haussmann, quanto Karl Marx. Não se permitiam mais mendigos, meninos abandonados, doentes mentais, ex-escravos, velhos, incluindo os migrantes pelas ruas para não enfeia-las e sujá-las. Os inúmeros banheiros da entrada da fábrica da Boa Viagem e o açougue eram outros baluartes do higienismo e asseio. Também indica que, depois de colocada em funcionamento a fábrica, faltava mão-de-obra possível de se adequar à nova forma de trabalho mecânico. O empresário enfrentava um período pós-abolição dos escravos.

A fábrica tinha capacidade de ocupar os mil e seiscentos operários de ambos os sexos planejados e de todas as idades, mas, sobretudo, mulheres⁴⁰. Junto à fábrica construiu a Vila Operária, que foi inaugurada em maio de 1892, ligada ao estatuto dos trabalhadores de então. O plano geral da Vila Operária seguia a disposição das *tenements houses*⁴¹, conjunto de casas britânicas, quanto ao aspecto físico dos edifícios ou, provavelmente, o modelo do francês Émile Cacheux⁴², fazendo divergir daquelas a presença de grandes jardineiras na parte fronteira de cada residência e adaptando-as ao ambiente baiano⁴³.

Há quem veja a presença desse jardim como *uma tentativa de incorporação dos valores burgueses ao operariado*⁴⁴ ou como elemento de grande *importância na domesticidade dos trabalhadores* ou, ainda, diziam que *evitava-se dessa forma restringir o contato com pessoas que não eram do próprio ambiente de trabalho*⁴⁵. A análise de tempo e espaços distantes, com os olhares contemporâneos, pode distorcer a realidade. Não se pode esquecer que a indústria, especialmente na Grã-Bretanha, tinha devastado as florestas antes de achar o carvão mineral como combustível. Isso fez surgir um movimento, comparável ao atual, em favor do meio

³⁸ SANTOS, M. O. *Ob. Cit.*, p. 68.

³⁹ Isso foi constatado por Santos (*Ob. Cit.*, p. 116), que consultou os Livros de Atas do Conselho Municipal, do qual Luiz Tarquínio fez parte, e concluiu que o empresário, enquanto Intendente e Conselheiro, sempre teve *a preocupação em fazer de Salvador uma cidade asseada, organizada aos moldes das cidades européias...*

⁴⁰ Em 1896 a fábrica tinha 697 operários, dos quais 171 eram homens e 526 mulheres (SAMPAIO, J.L.P. *Ob. Cit.*, p. 99).

⁴¹ Compunham o modelo de casas que foi criado na Grã-Bretanha, estabelecidas por Lei, como casas padrão, pelo Parlamento inglês, em função das descrições, feitas pela imprensa, das péssimas condições sanitárias *dos antros esqualidos e insalubres habitados pelas classes proletárias*. Mas a semelhança era apenas no aspecto externo, pois a organização social era, segundo Simão da Costa, completamente original (COSTA, José Simão de. A fábrica Luiz Tarquínio, *Jornal de Notícias*, Salvador, 7 nov. , 25 out., 1898. Em função das péssimas condições em que vivia o operariado europeu, além da obra de Marx, resultaram os planos das vilas operárias e cidades jardins, estas sob a égide das leis do higienismo, que causou enormes mudanças urbanas na Europa e fora dela

⁴² CACHEUX, Émile. *Habitations ouvrières; études avec plans sur les habitations isolées, maisons à étages, hotels pour ouvriers*. In: *Le philantrhpie pratique*. Laval/France: Imprimerie et Stéréotypie E. Jamin, 1882. Segundo Dumêt, E. B. *Ob. Cit.*, p. 73, conhecia as obras dos americanos James Lowel, Henry George, Uphan Adams, Walter Breen, Annie Bellengstey, F. Flower, voltados para o trabalhador; o inglês John Burgns, Paul Lafague, da França, o partido operário belga e a organização social da fábrica e da cidade de Essen, da Alemanha.

⁴³ Basta se ver as causas que levaram a movimentos *ecológicos* na Europa, nas áreas da arte, design e mesmo religião, na segunda metade do século XIX, como a Arts and Crafts, os Pré-rafaelistas, a Art Nouveau, a Teosofia.

⁴⁴ PETRATTI apud SANTOS, M. O. *Ob. Cit.*, p. 138.

⁴⁵ SANTOS, M.O. *Ob. Cit.*, p.138.

ambiente, que justifica a presença do jardim nas casas dos operários, incluído prêmios para os melhor cuidados⁴⁶.

A vila possuía 258 residências, de modelos diferentes, dispostas em oito quarteirões de casas paralelas umas as outras, ocupando uma área de 21.476 metros. Cada casa possuía vários quartos, além de salas, sanitários independentes, quintal e o já referido jardim. Colaboraram nos trabalhos de construção da Fábrica e da Vila os engenheiros Augusto Weilemann e Augusto Frederico de Lacerda⁴⁷.

Todo o conjunto de casas era supervisionado por um administrador, que cobrava higiene e manutenção do conjunto. Os próprios trabalhadores organizaram um concurso anual que premiava quem se destacasse na ornamentação da casa. O prêmio era um utensílio doméstico⁴⁸.

Pela casa, o operário pagava um pequeno aluguel, mais ou menos um quarto de seu salário. *Após cinco anos de dedicação à empresa, ele passava a usufruir gratuitamente da moradia.* Depois de dez anos tornava-se dono de uma propriedade fora da vila⁴⁹.

Tinha jardins comunitários, diversões, escola, ambulatório, serviço de proteção de incêndio. As ruas eram cimentadas, com ligeiro declive para esgotamento das águas, sendo lavadas diariamente. O açougue, a farmácia, a loja de fazendas, lugar para prática de esportes, o armazém de víveres eram modelos de organização. Oferecia entretenimento aos operários nos fins de semana e feriados.

A praça central era ajardinada, com 1.530m², com dois coretos para bandas de música, tinha ao centro a estátua de seu fundador, uma homenagem dos operários. Nela se apresentavam bandas de música. Os próprios trabalhadores compunham uma delas. Nos dias de chuva as festas mudavam para um salão.

A Escola Rui Barbosa, com dois pavimentos, era o maior edifício, destinado aos filhos dos operários, com instrução elementar e ensino artístico com aulas de pintura, escultura e música, segundo os modelos que preparavam os destinos da Deutscher Werkbund e da reforma de ensino de Georg Kerchensteiner, na Alemanha, e John Dewey, nos Estados Unidos, que alimentavam a idéia unir a arte à indústria e de criar competências, especialmente para a indústria, através da educação. Para isso, foram professores, os baianos Sócrates Lopes Rodrigues (desenho linear), Manoel Lopes Rodrigues (desenho de figura e pintura), em instalações bastante apropriadas, segundo José Louis Pamponet⁵⁰.

Esta influência foi confirmada pelo discurso de Frederico Lisboa, que deveria ser proferido por ocasião da inauguração, no pátio da vila, da estátua do patrono, citada acima, em 1899, oferecida pelos operários, mas que só foi publicado no *Jornal de Notícia*, em 8 de outubro de 1903⁵¹, que dizia:

⁴⁶ Basta se ver as causas que levaram a movimentos *ecológicos* na Europa, nas áreas da arte, design e mesmo religião, na segunda metade do século XIX, como a Arts and Crafts, os Pré-rafaelistas, a Art Nouveau, a Teosofia.

⁴⁷ PINHO, P. M. *Ob. Cit.*, p. 88. Irmão de Antônio de Lacerda, o construtor do Elevador Lacerda e da linha de bonde, unindo o Elevador à praça da Piedade, através da Companhia Transportes Urbanos.

⁴⁸ CELESTINO, M. *Loc. cit.*, p. 18.

⁴⁹ IDEM. O bom operário que fosse premiado por cinco anos seguidos, deixava de pagar o aluguel e se continuasse nessa avaliação, por dez anos, ganhava uma casa fora da vila. Luiz Tarquínio doou cinco casas a Francisco de Assis Pereira, Salomão Vicente Lopes, Maria Magdalena Lima, Maria de Souza Oliveira e Tarsilla Meireles. A premiação tinha se iniciado em 1901, quando começou a se dar como recompensa aos operários “assíduos e dedicados ao trabalho”, medicamentos gratuitos em caso de doença.

⁵⁰ Apud CELESTINO, M. *Loc. cit.*, p. 18.

⁵¹ DUMET, E. B. *Ob. cit.*, p. 76.

Ali encontra-se o trabalho e a instrução. Trabalho e instrução, que lema sublime. Estas duas grandezas formam uma espécie de arcada triunfal, por onde passam alegres e felizes, homens, mulheres e crianças. Os espectros da miséria e da desonra fogem diante das bagas de suor, que são os diamantes do trabalho, e diante das luzes do saber, que são os diamantes da instrução.

A direção geral dessa escola ficou, nos primeiros anos, a cargo da professora americana Ana Cheney, antiga diretora do Hamptom Institut, nos Estados Unidos⁵². Tarquínio também trouxe a professora de matemática Jessie Justice⁵³.

A Escola possuía uma seção, conhecida como *Kindergarten*, jardim da infância, sob a responsabilidade de Luisa Steinneg, discípula da viúva do músico Froebel⁵⁴, que dirigia escolas americanas similares. Possuía biblioteca, museu de história natural⁵⁵, seguindo o modelo da Reforma Benjamin Constant.

A Escola funcionou, sob o patrocínio do Empório, até 1932, passando para o patrocínio do Estado. Chegou a ter cerca de 400 alunos⁵⁶. Foi demolida em 1970, cedendo lugar ao Centro Integrado de Educação Luiz Tarquínio, para curso fundamental, médio e profissionalizante⁵⁷.

O prédio da Companhia Empório Industrial do Norte ainda está em pé na Boa viagem⁵⁸.

Da Escola, porém, da creche e dos coretos não há vestígios. A lagoa que rodeava a Escola foi aterrada. Uma boa parte do terreno foi ocupado pela Escola Augusto Lopes Pontes, em 1990, por iniciativa do Estado.

Os armazéns de secos e molhados foram divididos para abrigar o comércio de tecidos e aviamentos. Apenas o monumento, oferecido pelos operários, em 24 de julho de 1899, do benfeitor, mal conservado ainda está no mesmo cenário⁵⁹.

A Vila Operária e toda essa infra-estrutura, segundo Luiz Viana Filho⁶⁰, diminuiu a uma ínfima percentagem, o número de faltas dos operários ao trabalho, o que não tinha modo de comparação com outros empreendimentos do mesmo tipo, em que as faltas chegavam a 15%. Mais do que pioneirismo, paternalismo ou espírito socialista, Luiz Tarquínio montou uma estrutura racional de trabalho.

A Companhia Empório Industrial do Norte, mantenedora da Fábrica da Boa Viagem e da Vila Operária, funcionou até 1973⁶¹, vendida, na fase pré-falimentar, ao grupo Atlântico Sul-Comércio Exportação e Importação S/A. Estava obsoleta. A Atlântico deveria sanear a empresa

⁵² FLEXOR, M. H. O. *Ob. cit.*, p. 80-82.

⁵³ CORREIO DA BAHIA. Vila Operária. www.correiodabahia.com.br/2001/09/26/noticia.asp?, em 28 mai. 2006.

⁵⁴ A senhora Froebel tinha desenvolvido um método educacional *da evolução orgânica*, para crianças em idade pré-escolar que tomou entre nós o nome de Jardim da Infância, correspondendo ao título alemão *Kindergarten*, isto é, Jardim da Criança.

⁵⁵ CELESTINO, M. *Loc. cit.*, p. 18.

⁵⁶ IDEM.

⁵⁷ Em 1990 o estabelecimento foi dividido em duas unidades escolares, Colégio e Escola Estadual Luiz Tarquínio. CELESTINO, M. *Loc. cit.*, p. 18.

⁵⁸ Tinha uma chaminé de 32 m. de altura, marcando sua presença. Nos anos 2000, o prédio do Empório cformava um conjunto de armazéns para estocagem de contêineres e arquivo morto.

⁵⁹ CELESTINO, Mônica. *Loc. cit.*, p. 14.

⁶⁰ VIANNA FILHO, Luiz. *O insigne industrial Luiz Tarquínio*, folheto. Bahia: Globo, 1940. p. 5-6.

⁶¹ Fechada, em 1973, devido às constantes crises, que se desencadearam a partir da década de 1950. Ver STELLING, Webber. Indústria têxtil na Bahia: o apogeu no século XIX e tendências atuais. In: *Economia baiana*, Salvador, número especial, ago. 2003. p. 74. Acessível também na Internet, site www.unifacs.br/CEDRE/cadernos/cadernospdf/CARNEspecial.pdf.

em dez anos, mas, nos princípios dos anos de 1980, teve início o processo de falência e leilão dos bens.

Restam apenas, da Vila Operária, a Praça Luiz Tarquínio e poucas casas, com a estrutura original, aberta a partir do projeto do próprio empresário. Ainda estão no local, mas passaram por várias mudanças, especialmente a anexação de varandas, além de reformas internas. A sala grande foi dividida ou parte dela transformada em quarto.

Na década de 1980 foi determinado, com a falência do Empório, que as casas servissem para pagamento de suas dívidas. Em 1982, o então Governador, Antônio Carlos Magalhães, adquiriu a massa falida da fábrica e repassou a escritura das casas para os antigos operários ou seus descendentes⁶².

Para revitalização restam a fábrica e os armazéns, que vêm sendo utilizados para diversos fins, mas poderão sofrer, para o futuro novas ocupações. As casas da Vila, depois de 1982, já têm o uso apropriado, embora desfiguradas e degradadas.

⁶² CORREIO DA BAHIA. Vila Operária. *Loc. cit.*